

# Brasileiros que retornam, os desafios de recomeçar em São Paulo

Maura Véras<sup>1</sup>

Suzane Caroline Gil Frutuoso<sup>2</sup>

**Resumo:** A crise econômica internacional de 2008 abalou a saúde financeira de países ricos que antes pareciam imunes a questões como desemprego, baixas remunerações e precariedade. Bem como no Estado de bem-estar social. Por sua pujança e estabilidade, essas nações também atraíram durante anos, imigrantes, inclusive brasileiros. Principalmente a partir da década de 1980, eles viram na saída do Brasil a única chance de ascensão numa época de hiperinflação e perspectivas socioeconômicas desfavoráveis. Tal lógica se inverteu com a crise que atingiu no final dos anos 2000 países europeus, Estados Unidos e Japão, enquanto o Brasil experimentava, pela primeira vez em muito tempo, taxas de pleno emprego, melhora na renda e crescimento da capacidade de consumo. Um contingente grande de pessoas, estimado em cerca de 400 mil brasileiros, resolveu voltar entre os anos de 2008 e 2012 (Ministério das Relações Exteriores). O número é expressivo e inédito. Nunca tantos emigrados regressaram em um mesmo período. Mas para os retornados qualificados, com carreira construída ou em construção lá fora, apesar das oportunidades aqui, o choque cultural foi inevitável, assim como a sensação de não mais pertencer totalmente ao local de onde partiram.

**Palavras-chave:** Imigração, Retorno, Brasileiros, São Paulo, Contradições urbanas

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP - mmveras@pucsp.br

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais PUC/SP

**Abstract:** The 2008 global financial crisis has shaken rich countries' financial health, once immune to topics like unemployment, underpayment and welfare state precariousness. Because of their strength and stability, these nations also attracted immigrants for years, including Brazilians. Mainly, as of the decade of 1980, they thought that the only way of being successful in times of hyperinflation and unfavorable social and economic perspectives was by leaving Brazil. Such logic changed with the global financial crisis that hit European countries, The United States and Japan in the late 2000s as Brazil was going through, for the very first time in years, employment rate, better incomes and purchasing power on the increase. A great deal of people decided to come back. According to Foreign and Commonwealth Office of Brazil data, around four hundred thousand Brazilians arrived in their home country between 2008 and 2012. It is a significant and previously unseen number. Never have so many emigrants returned at the same time. But the ones who came back with some qualification, experiencing solid career or building it abroad, despite local opportunities, had to face inevitable culture shock along with the feeling of no longer totally fitting in the place where they came from.

**Keywords:** Immigration, Return, Brazilian, São Paulo, Urban Contradictions

## Introdução

A crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização tem sido objeto de um número expressivo de contribuições, de caráter teórico e empírico (PATARRA, 2006). Nosso foco é, particularmente, o que ocorreu desde meados dos anos 80, quando o fenômeno ganhou diversidade, levando ao exterior muitos brasileiros, e o seu retorno a partir dos anos 2008.

As reflexões sobre o tema abordam transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais em andamento no âmbito internacional. São mudanças desencadeadas pelo processo de reestruturação da produção, o que implica novas mobilidades do capital e da população em diferentes partes do mundo. As novas experiências migratórias, assim como a própria definição do fenômeno migratório, devem ser revistas. Tais fluxos constituem a contrapartida da reorganização planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global. Outros fatos de natureza política são parte desse cenário. (BAUMAN, 1999; SILVEIRA, 2014)

A migração hoje é descentralizada, temporária, de riscos calculados, mas conflituosa. É global e regulada. Nunca um fenômeno isolado. Para Patarra (2006) a migração internacional, no contexto da globalização, não somente é inevitável, como seria potencialmente positiva. O deslocamento espacial maciço deve ser entendido como parte das estratégias de sobrevivência, de impulso para alcançar novos horizontes; a globalização, de aumento do fluxo de informações a respeito dos padrões de vida e das oportunidades existentes ou imaginadas nos países industrializados. Cresceu, inclusive, o fluxo de migrantes qualificados entre diversos países. No entanto, as fronteiras que se abrem para o fluxo de capitais e mercadorias estão cada vez mais fechadas aos migrantes. Trata-se de uma contradição que define o atual momento histórico. O resultado é um aumento de indocumentados e do tráfico de pessoas pelas fronteiras. Na globalização, capitais, tecnologia e bens circulam livremente. As pessoas, não. Dentro do atual quadro global e da ideia de novas realidades migratórias, se encaixam os brasileiros retornados. Eles exemplificam quanto a migração apresenta-se multifacetada.

O objetivo deste trabalho é analisar o retorno de brasileiros depois de anos no exterior e o impacto de voltar a viver na cidade de São Paulo, com suas vantagens e desvantagens do ponto de vista social, econômico, urbano e suas repercussões emocionais.

O retorno retrata uma nova face dos deslocamentos, das migrações e da

mobilidade humana no século XXI e em ambientes urbanos que afetam diretamente as construções identitárias e relacionais. Em visão abrangente, tem-se no Brasil, de um lado, uma nação de formação e história fortemente marcadas pela presença de imigrantes. Por outro, um país cuja instabilidade econômica de décadas, desigual e com destacados problemas sociais impulsionou a emigração de parte de sua população. Pela primeira vez, o país viveu um inédito fluxo migratório: entre 2008 e 2012, o retorno de um número expressivo e simultâneo daqueles que acreditaram em dias melhores lá fora. Desde o início da crise econômica internacional, em 2008, o movimento migratório sofreu um reverso. Inclusive entre os brasileiros. Países como Japão, Espanha e Estados Unidos, entre outros, deixaram de ser considerados terra de oportunidades. Só na Espanha o índice de desemprego alcançou 26% (INE)[1], em 2012. Na Grécia, bateu em 28% (Elstat) [2], no final de 2013. No princípio desse mesmo ano, os desocupados em Portugal eram 17% da população (INE)[3]. No Reino Unido, onde a crise fechou menos vagas, o desemprego chegou a 8,4% em 2012 (Escritório Nacional de Estatísticas – ONS) [4]. Nos Estados Unidos, a taxa de desempregados [5] em 2009 chegou a 10% (Banco Central Americano e CASTLES, 2005).

Se a situação para a população local desses países era aterradora, as perspectivas para os trabalhadores estrangeiros ficaram piores. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), de Portugal [6], a taxa de desemprego entre os estrangeiros no país, o total de desempregados era de 8% em 2000. Onze anos depois esse índice alcançou 22%. Cidadãos de nacionalidade brasileira eram maioria no final de 2011 entre os estrangeiros em Portugal: 25,5% de um total de 436.822. Desde 2008, cerca de 400 mil brasileiros que imigraram voltaram ao país, segundo dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE). O fluxo é tão expressivo que em 2012 o órgão criou o site Portal do Retorno [7], com dicas práticas sobre mercado de trabalho, empreendedorismo, documentações, entre outras informações, para retornados se reestabelecerem.

Diante do cenário inédito, já que nunca tantos brasileiros voltaram simultaneamente ao país de origem, nosso foco foi analisar o impacto desse retorno, mais especificamente para viver na cidade de São Paulo, levando em consideração algumas de suas peculiaridades. Os graves problemas estruturais enquanto sede metropolitana, que incluem moradia, mobilidade, transporte público, equipamentos urbanos, saúde e educação, pois ainda não oferece equitativamente tais serviços para todos; as evidentes e gigantescas desigualdades entre classes em uma cidade internacionalizada, pois São Paulo consta no ranking das metrópoles mundiais com requisitos para abarcar grandes negócios de caráter global (SASSEN, 1994; WANDERLEY, 2006).

Ao mesmo tempo em que oferece tantos problemas, a cidade de São Paulo é a que mais se aproxima em oportunidades e perspectivas de crescimento para quem volta ao Brasil, acreditam parte dos retornados. A cidade, cheia de contrastes sociais e ainda com consideráveis dificuldades em áreas nevrálgicas é, ao mesmo tempo, a capital financeira do país, com emprego em qualquer especialidade, com os maiores salários e chances reais de ascensão social. Temos a estabilidade perversa de uma cidade desigual, ambígua, sob a égide do capitalismo financeiro, com muros e fronteiras. (ROLNIK, 2015).

Segundo Véras (2003, p. 12), a cidade global reúne justamente esses contrastes, as características de ser fundamento do capital financeiro ou polo de tecnologias de ponta nas indústrias, bem como apresenta camadas sociais emergentes ligadas à gestão do capital e, também, massas de desempregados, grandes contingentes de trabalhadores informais, conflitos étnicos e outros processos. Como disse Sassen (1988), as mudanças ocorridas no mundo econômico com o predomínio do capital financeiro e a prestação de serviços, trouxeram transformações urbanas sensíveis. Entre elas, está aquela que fez as cidades serem o *locus* destacado de processos migratórios intensos, tanto de trabalhadores qualificados como de levas daqueles sem qualificação, muitos oriundos de outros países e continentes, grupos étnicos que rumavam à Europa, provindos da Ásia, África e mesmo Oriente.

De acordo com vários estudos sobre o assunto, são associadas ao retorno condições psíquicas como insegurança, desânimo e autodepreciação, queixas sobre oportunidades raras de emprego e tendências para desqualificar o Brasil, um “profundo sentimento de desvalia” (CARIGNATO, 2004, p. 233). Muitas frustrações que podem acompanhar o balanço entre expectativas e conquistas reais são dirigidas quer ao país de origem quanto depois ao país de adoção. Isso acontece no retorno. (DEBIAGGI, 2004)

É possível que, apesar da vida no exterior ter seus altos e baixos e exigir dedicação extrema ao trabalho, morar em cidades em que serviços públicos funcionam, onde as desigualdades são menores, e nas quais trabalhando era possível acumular alguns bens, ajudava o brasileiro emigrante a se sentir parte da sociedade que adotou. Ele sentia ter direitos de cidadão com as condições urbanas se mostrando eficientes e as relações sociais menos desiguais. Quando, no retorno, o brasileiro não encontra um cenário ao menos parecido, o impacto é grande,

A percepção dos imigrantes sobre a vida no exterior também é carregada de idealizações, sentimentos contraditórios e histórias pessoais, influenciadas pelos diferentes estratos sociais (neste estudo, entre estratos médios e médios altos) de cada

um, formação profissional, estágios emocionais distintos, características subjetivas. Os locais onde residiram nossos entrevistados valorizavam o trabalho qualificado, o que os protegeu de preconceitos. Porém, a ideia de que a qualificação os preservaria sempre foi uma fantasia. A xenofobia, a violência contra os imigrantes e os problemas sociais que acabam por escapar da visão do estrangeiro em situação privilegiada, também existem constantemente nos países em que estiveram. Fatos contemporâneos atestam os graves problemas com imigrantes e refugiados, na Europa, sobretudo, a demonstrar a fragilidade dessas percepções (CASSARINO, 2013; GMELCH, 1980).

Apesar disso, no retorno ao Brasil, para muitos a sensação é de não mais pertencerem a esta terra e nem àquela que adotaram por anos, o que causa angústia e insatisfação. Surgem dificuldades de relacionamento com familiares e amigos no momento que o retornado tece críticas a São Paulo e a seus problemas. E ele se sente tão deslocado quanto o era quando imigrante, vivendo situação de ambiguidade.

A partir de 2012 houve um agravante na readaptação do emigrado em São Paulo: a economia brasileira já não parecia tão confiável como entre 2008 e 2011. O custo de vida na capital paulista subiu, o valor dos imóveis disparou, a inflação voltou, os salários estagnaram e já não dão conta dos gastos da população. Além disso, acreditando que o crescimento econômico viria com certeza, muitas pessoas se endividaram com prestações de todo tipo de bens de consumo.

Apesar de ter enfrentado bem a crise de 2008 e até registrado crescimento na economia, o que trouxe benefícios para a população, em 2013 a estabilidade brasileira voltou a patinar e a preocupar. Apenas alguns indicativos são exemplares sobre o cenário econômico dos anos 2013 e 2014 para situar nossas observações. Em dezembro de 2013, a taxa de desemprego se igualou ao menor índice histórico, recuando para 4,6%, segundo o IBGE [8]. Uma situação de pleno emprego. Mas o crescimento da economia ficou muito abaixo do esperado, o que teve reflexos negativos e influenciou na abertura e preenchimento de vagas no mercado em 2014.

O desenvolvimento do Produto Interno Bruto (PIB) não passou de 2% [9]. Para 2014, o esperado era uma expansão de até 4,5%. Já a inflação, durante anos sob controle, disparou e influenciou diretamente os preços, principalmente dos alimentos. O indicativo fechou 2013 em 5,91%. No mesmo período de 2012, a inflação [10] ficou em 5,84%. A crise política do governo Dilma foi se agravando desde 2015, e o cenário econômico e social atual piorou ainda mais do que aquele do período em que foi realizada esta pesquisa.

## De país de recepção a país de “expulsão”

Entre o início do século XIX e o final da década de 50 do século XX, quase cinco milhões de estrangeiros desembarcaram no Brasil. Parte considerável deles chegou ao país como mão de obra para as fazendas de café, especialmente no interior do Estado de São Paulo. Estatísticas apontam cerca de 70 nacionalidades na formação do povo brasileiro como consequência da imigração (IBGE). Não se pode esquecer, ainda, da forte presença de africanos trazidos para a escravidão, não computada nas estatísticas imigratórias e que constituem grande parte da nossa população.

No caso da capital paulista, segundo os Censos Demográficos do IBGE, a imigração estrangeira, que chegou a representar cerca de 36% de sua população nos anos 1920, foi decrescendo até significar menos de 1,4% em 2010 (VÉRAS, 2013). No entanto, a influência dos seus descendentes é significativa. Além disso, convém comentar brevemente, processos contemporâneos se revestem de outras características, há muitos estrangeiros indocumentados que não constam das estatísticas e os recentes fluxos de expatriados, imigrantes humanitários, os refugiados, por exemplo, engrossaram os números de imigrados não constantes do então panorama do censo demográfico de 2010. Nos últimos 20 anos, portanto, o Brasil inclusive retoma a condição de porta de entrada de um novo fluxo migratório, então com estrangeiros chegando de países como Coreia, China, Bolívia, Paraguai, Peru, Haiti, Angola, entre outros. A partir de 2012, o movimento de imigração se intensificou. Segundo dados do Ministério da Justiça, em seis meses, o fluxo aumentou 50% em comparação com o total de entradas no final de 2010.

Mas retrocedendo a partir da década de 50 do século XX e dos anos 1980 o país registrava uma inversão no fluxo migratório. Houve uma queda vertiginosa na quantidade de imigrantes, por razões já conhecidas, e um crescimento constante e cada vez maior de brasileiros que se aventuram no exterior. Os anos 80 ficaram conhecidos como “A Década Perdida”.

Demógrafos brasileiros apontam que a partir do final dos anos 1980 brasileiros deixaram o país em função de uma série de crises econômicas intensas (MARGOLIS, 2013, p. 18). De país historicamente receptor de imigrantes, o Brasil passa a “exportar” seu povo. Por volta de 1990, cerca de 1,3 milhão de brasileiros “sumiram” do censo demográfico nacional. Em 2009, mais de 3 milhões estavam residindo no exterior. Estabeleceram-se em 122 países, sendo 1,2 milhão nos Estados Unidos (MARGOLIS, 2013, p. 9). O censo de 2010 apontou que os principais destinos dos brasileiros na Europa

nos últimos anos foram Espanha, Portugal e Inglaterra, especialmente após o 11 de Setembro de 2001, quando do ataque às Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York. Dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE) [11] indicam que a saída de brasileiros atingiu volume máximo em 2008, quando aproximadamente 3,7 milhões de brasileiros viviam fora. Mas desde então, e culminando com a crise internacional, esse número sofreu redução expressiva. Em 2012 [12], o total de brasileiros que residiam no exterior caiu para cerca de 2,5 milhões, forte indício do movimento de retorno que defendemos neste trabalho.

Estatísticas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgadas pela BBC, empresa de mídia inglesa, de julho de 2011, indicaram que a entrada de imigrantes brasileiros nos países da OCDE atingiu o pico de 101,8 mil em 2007 e caiu para 53,5 mil em 2009. No Japão, o total de brasileiros que ingressaram de maneira legal no país despencou de mais de 30 mil em 2006 para pouco mais de três mil em 2009. O Japão também lançou em abril de 2009 um programa de retorno voluntário para os imigrantes desempregados descendentes de japoneses, oferecendo ajuda financeira para a volta ao país de origem. De acordo com um estudo da OCDE, os brasileiros representaram a quase totalidade (93%) das quase 22 mil pessoas que utilizaram esse incentivo de retorno voluntário. Dados enviados pelo Consulado do Japão em São Paulo para nossa pesquisa mostram que, em 2007, o país asiático contava 316.967 brasileiros residentes. Em 2012, o número caiu para 190.581. A estatística é do Ministério de Justiça do Japão.

Na Espanha, a queda do fluxo de imigrantes brasileiros também foi brutal em 2009 na comparação com os anos anteriores, de acordo com a OCDE. Esse número, que havia ultrapassado 35 mil em 2007, caiu para 15 mil em 2009. Lembrando que a Espanha chegou a registrar uma das taxas mais altas de imigração na Europa, recebendo quase 50% dos imigrantes da União Europeia entre 1998 e 2008. A população estrangeira no país passou a representar mais de 10% do total. Entre 2001 e 2006, 50% dos novos trabalhos foram criados para estrangeiros, tamanho o momento de prosperidade econômica.

Já nos Estados Unidos, a queda no fluxo de entrada de imigrantes brasileiros em situação legal ocorreu antes de 2009, quando começou a crise financeira mundial, situando-se nos mesmos patamares de 2007, de cerca de 15 mil pessoas. Em Portugal, onde os brasileiros representam a maior nacionalidade estrangeira residente (26% da população imigrante total), o fluxo de entrada de brasileiros ficou abaixo de 5 mil pessoas em 2009, afirma a OCDE [13].

Para agravar a situação de quem se estabelecera no exterior, os naturais dos países que antes recebiam tantos imigrantes passaram a disputar mesmo os empregos que não queriam até então. O resultado foi uma forte reação nacionalista e xenófoba contra imigrantes.

Mesmo aqueles mais qualificados sentiram a recessão. Afinal, grandes empresas e bancos quebraram. Desde o início da crise econômica em 2011, mais de 380 bancos fecharam as portas no país, de acordo com dados do Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC) [14], o órgão americano garantidor de crédito. Nesse cenário, muitos imigrantes chegavam ao Brasil e a São Paulo, inclusive muitos qualificados (MOMO, 2014).

### **A esperança da volta**

Ao mesmo tempo em que o cenário no exterior era preocupante, as notícias veiculadas constantemente na mídia de que a população brasileira desfrutava de maior poder aquisitivo, adquiria bens e imóveis e viajava além de encontrar trabalhos com carteira assinada [15], despertou o desejo de retorno de brasileiros que começaram a enfrentar dificuldades nos países que adotaram.

O índice de desemprego [16] praticamente registrava queda desde 2003, quando estava na casa dos 12%. Em 2014 estava abaixo de 5% (como citado anteriormente). Com suas raízes no Plano Real, criado em 1994, a estabilidade econômica no Brasil resultou em uma série de benefícios e na realização de desejos reprimidos de milhares de pessoas nos últimos dez anos, com um pico de consumo especialmente em 2010/2011. Durante o governo Lula os programas sociais permitiam acesso à universidade, ao consumo para setores antes com dificuldades reconhecidas. Falava-se de uma nova classe média, advinda dos setores populares, tema polêmico e que escapa de nosso foco neste artigo.

A compra da casa própria, por exemplo, foi concretizada por 36 mil famílias em São Paulo só em 2010, seis mil a mais do que no ano anterior, segundo dados da Caixa Econômica Federal [17]. Nos registros do IBGE, entre 2007 e 2012, 200 mil brasileiros adquiriram suas residências. Hoje, 75% dos brasileiros já vivem debaixo de um teto que é um patrimônio [18] particular.

Foram 44 milhões de carteiras assinadas em 2010, recorde da década, garante o Ministério do Trabalho [19]. Cerca de 82% eram trabalhadores registrados em 2012 (IBGE). E disparou a busca por qualificação: aumentou 81% o número de brasileiros que ingressaram em universidades desde 2003 até 2012, passando de 3,8 milhões para 7 milhões de pessoas, informa o Ministério da Educação (MEC) [20].

Apesar do consumo não resolver questões estruturais graves, como moradia, saneamento básico, saúde e educação, parte considerável da população brasileira foi privada por décadas do acesso ao conforto, a garantias financeiras que permitissem algum planejamento futuro e a realização de sonhos. Logo, milhares de brasileiros arrumaram as malas e desembarcaram por aqui novamente.

### **Nossos retornados entrevistados**

As observações dos retornados estão exemplificadas nas falas dos sete entrevistados, propondo discutir este viés dentro do fenômeno da migração internacional. A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa, justificada pelo objeto estudado, dados os conteúdos significativos, à subjetividade que compõem a fala dos indivíduos. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas, individuais e presenciais. Um ano depois, três entrevistados responderam por e-mail questionários sobre mudanças e observações do que viveram após o primeiro contato, apontando suas percepções e vivências cotidianas.

Dos objetivos propostos pela pesquisa: entender o que levou ao retorno, se as expectativas desse retorno foram correspondidas, se a cidade de São Paulo representou como melhor lugar para recomeçar no Brasil depois de anos no exterior, identificar as dificuldades de relacionamentos e de adaptação ao meio urbano devido a comparações com a experiência estrangeira e se, por fim, diante do que encontrou no Brasil, existe ou não o desejo de imigrar novamente.

A escolha dos entrevistados se deu a partir de um perfil determinado, mas há trajetórias os mais diversificados: são três homens e quatro mulheres com nível superior, qualificados e carreiras estruturadas. Quase todos já conheciam o exterior anteriormente, e imigraram nos seguintes países: Japão, Inglaterra, Espanha, Suíça, Canadá, Portugal e Estados Unidos. Foram selecionados por indicações de amigos, conhecidos e contatos do NIATRE (Núcleo de Informação e Apoio a Trabalhadores Retornados do Exterior, criado pelo governo federal em 2011). Cinco países são historicamente conhecidos por receberem uma quantidade expressiva de imigrantes brasileiros a partir da década de 80, com exceção da Suíça e do Canadá. Na média, os entrevistados foram imigrantes por cerca de cinco anos. O quadro I abaixo aponta o perfil dos entrevistados.

Perfil dos Entrevistados							
Nome	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	País de Imigração	Partiu em	Volta a SP
<b>Marcelo</b>	46	Solteiro, sem filhos	Pós-graduado	Gerente de hotel	Japão	1992	2012
<b>Ana Paula</b>	32	Casada, um filho	Superior completo	Fisioterapeuta	Suíça	2004	2012
<b>Andrea</b>	32	Solteiro, sem filhos	Pós-graduada	Consultora de políticas públicas	EUA	2008	2011
<b>Lívia</b>	28	Solteira, sem filhos	Superior completo	Analista de negócios	Inglaterra	2011	2012
<b>Julio</b>	34	Casado, uma filha	Pós-graduado	Jornalista	Espanha/ Inglaterra	2003	2009
<b>Suzana</b>	53	Casada, sem filhos	Pós-graduado	Consultora de negócios	Inglaterra	2004	2008
<b>Marcus</b>	29	Casado, sem filhos	Pós-graduado	Funcionário Público	Canadá	2012	2013

Fonte: Frutuoso-2014

Esses brasileiros voltaram acreditando na estabilidade da economia do país nos anos 2000. E que um mercado com empregos e salários em expansão resultaria em melhorias sociais e de infraestrutura na cidade de São Paulo. Mas o que os entrevistados demonstraram em seus depoimentos foi a sensação de que foi diferente do que liam na mídia internacional, na mídia nacional (pela internet e canais a cabo) e no contato com amigos e familiares.

Pagamos muito, um preço alto, muito imposto e recebemos muito pouco em troca. Sinto falta disso, da segurança e de pagar impostos e ter um bom transporte público, de uma boa infraestrutura, de justiça. (Ana Paula)

O custo de vida em São Paulo sempre foi muito alto comparado com outras capitais mundiais. Sempre que recebo amigos estrangeiros eles ficam assustados com os preços, tenho evitado comprar roupas.... Tenho ido bem menos a restaurantes, mudei para manicure quinzenal e cabelo mensal. Empregada doméstica, duas vezes por semana. Presentes para amigos agora são geralmente feitos por mim. Viagem, sempre fora de temporada. (Suzana)

São Paulo é uma cidade incapaz de ter uma rua lisa. O sacode me irrita mais do que o trânsito. Eu não ando de ônibus em São Paulo. Eu não tenho problema nenhum em falar que não ando de ônibus em São Paulo porque eu andei de ônibus cinco anos. Ou seja, meu problema não é com o ônibus. É com o ônibus em *São Paulo*. (Julio)

Tem uma coisa pra mim que é muito forte, que faz muita diferença e ... que é a

questão da educação. A educação dos ingleses, não só com as outras pessoas, mas na maneira de se portar. Eu acho que mudei bastante nesse sentido e também fiquei muito crítica assim. Pessoas mal educadas me incomodam muito mais hoje do que antes. (Livia)

Japão é tudo limpo, organizado. Tudo funciona, o sistema de transporte, médico, de educação. Me sentia seguro, protegido. Tudo que é doméstico não é problema. É fácil. Você não tem problema pra pagar conta, pra estudar, pra se vestir... Pra nada! Aqui, o básico é complicado. Educação, transporte, limpeza, saneamento básico, burocracias... (Marcelo)

Notaram mudanças para melhor, como queda na desigualdade social e situação positiva de pleno emprego. Perceberam, no entanto, que os problemas ainda são muitos e as estruturas econômicas e sociais instáveis. Educação ainda deixa muito a desejar. O custo de vida em São Paulo é alto, os salários não acompanham os preços, a violência é latente, a mobilidade é precária, a habitação bem localizada e com boa infraestrutura é para minorias privilegiadas, e não julgam correto do ponto de vista social a partir da experiência que tiveram fora.

No momento não penso em sair do Brasil. Não é a crise que me preocupa e sim, a violência nas ruas. Acho que o próprio povo brasileiro anda violento, estressado, desrespeitoso com o próximo. Isso me assusta um pouco. Estou arrependido, mas agora devo assumir o que foi feito e transformar minha volta em experiência positiva. O custo de vida ficou altíssimo e procuro não fazer extravagâncias. (Marcelo)

Com a alta do dólar seria impossível viver lá fora com a minha aposentaria em reais. Mas se eu pudesse voltaria para a Inglaterra, por ser um país com boa qualidade de vida. A minha preocupação é até onde e até quando vai todo este descaso dos nossos governantes. Não vejo futuro para os nossos jovens e vejo os idosos desesperados, sem rumo. (Suzana)

Os retornados, enfim, entendem que o Brasil continua sendo o “país do futuro”. Há tanto para “arrumar” que “nem 30 anos de crescimento por aqui e 30 anos de recessão em países ricos” (como definiu Julio) serão suficientes para igualar estilo e padrão de vida, educação e oportunidades.

São Paulo, é verdade, é a cidade que mais consegue se aproximar das vantagens que experimentaram como imigrantes. As desvantagens também existem. Não sofrem, por exemplo, preconceito como no exterior (apesar dos relatos do tipo serem menores entre estes entrevistados, cujo perfil era de qualificação e ensino superior). Mas são obrigados a conviver com intranquilidade e dúvidas geradas por violência, preços altos, empregos com salários baixos. E será que esses empregos continuarão disponíveis?

São Paulo uma cidade muito ruim pra se viver, que tem algumas coisas boas. Que são as coisas boas que fazem as pessoas acharem que São Paulo é uma cidade boa. Por exemplo, você ter grandes opções de culinária, restaurantes muito bons, ter uma oferta cultural grande de cinema, de teatro... Que mais? (risos) (...) Sim, de emprego. (Julio)

Sentia falta do calor humano. Lá no Canadá se você não tem nada o governo te dá alguma coisa. Mas as pessoas não tão nem aí pra você. (Marcus)

Valeu a pena voltar? Sim, dizem eles. Mas por questões de laços de afeto. Especialmente para aqueles que ficaram muitos anos fora. Apesar da dúvida, a saudade da família e dos amigos era grande. Retomar essa convivência é apontada como algo positivo e de imenso valor. Mesmo que existam atritos e por vezes se sintam pouco compreendidos, até deslocados. Se puderem, irão para outro país. Muito porque sabem que a tecnologia ajuda a manter a proximidade, a ir e voltar com frequência. Não seria assim para muitos imigrantes que enfrentam condições precárias e perseguições com a ilegalidade.

Descartando laços de afeto, os entrevistados, no fim, não consideraram o retorno tão vantajoso quanto esperavam. Entendem-se mais críticos que a maioria das pessoas de seu convívio. E, por vezes, carregam uma sensação amarga de parecer que os demais não querem enxergar os problemas do país, além do próprio entorno. E que essa acomodação é, justamente, uma das características do Brasil.

Compreendemos os sentimentos dos entrevistados diante do retorno. Acreditamos que a frustração para alguns se mostre grande porque havia por trás da volta a esperança de um país finalmente estável, no qual poderiam reproduzir a vida que alcançaram no exterior em termos financeiros, de segurança pessoal e estilo de vida. Conseguiram em parte. O desequilíbrio econômico ressurgiu, assim como os salários não acompanham o custo de vida geral. Apesar de se estabelecerem em regiões bem equipadas, sabem que pagam caro por isso e que a situação não garante a certeza de prosperidade. A maneira como lidam com a atual realidade está também, claro, ligada a questões emocionais, personalidade, ao modo como se colocam no mundo e até ao estágio da carreira e de vida em que se encontram. No entanto, refletem a insatisfação de uma sociedade que sofre com questões socioeconômicas e urbanas históricas. Em certos momentos, as idealizações dos emigrados sobre o exterior podem parecer exageradas. Mas são, em nossa opinião, um termômetro do que talvez a população geral sinta sem saber expressar. Eles expressam porque têm parâmetros de comparação.

## Notas

- [1] BBC – Homepage. Dados oficiais quadrimestrais do Instituto Nacional de Estatística (INE). Desemprego na Espanha atinge recorde histórico. Janeiro/2013, BBC. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130124\\_espanha\\_desemprego\\_cc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130124_espanha_desemprego_cc.shtml)>. Acesso em jan. 2013.
- [2] UOL ECONOMIA. Relatório mensal Hellenic Statistical Authority. Desemprego na Grécia sobe para 28% e atinge novo recorde em novembro. Fevereiro/2014, Uol. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/efe/2014/02/13/desemprego-na-grecia-atinge-novo-teto-historico-em-novembro-de-2013.html>>. Acesso em jan. 2013.
- [3] PÚBLICO. Relatório trimestral do Instituto Nacional de Estatística (INE). Taxa de desemprego sobe para 17,7%. Maio/2013. Disponível em: <<http://www.publico.pt/economia/noticia/taxa-de-desemprego-sobe-para-177-1593850>>. Acesso em jan. 2013.
- [4] G1. Office for National Statistics – Desemprego no Reino Unido atinge 8,4%, diz governo. Março/2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/03/desemprego-no-reino-unido-atinge-nivel-mais-alto-desde-1995.html>>. Acessado em jan. 2013.
- [5] BBC – Homepage. Richard Fischer, executivo-chefe do Federal Reserve. Departamento Americano do Trabalho. Desemprego nos EUA pode ultrapassar 10%, diz representante do Fed. Abril/2009. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090408\\_euadesemprego\\_bg\\_ac.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090408_euadesemprego_bg_ac.shtml)>. Acesso em jan. 2013.
- [6] SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Portugal, Maio de 2013. Relatório de Imigração, Fronteira e Asilo 2012. Disponível em: <[http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2011.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf)>. Acesso em dez. 2013.
- [7] ISTO É DINHEIRO. Governo cria site para orientar brasileiros que voltam do exterior. Mar. 2013. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/mercado-digital/20130327/governo-cria-site-para-orientar-brasileiros-que-voltam-exterior/113386.shtml>>. Acesso em jul. 2013.
- [8] ECONOMIA. TERRA. Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Janeiro/2014. Taxa de desemprego recua para o menor nível desde março de 2002. Janeiro/2014. Disponível em: <<http://economia.terra.com.br/taxa-de-desemprego-recua-para-o-menor-nivel-desde-marco-de-2002,513cd77091fd3410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em mar. 2014.
- [9] DIÁRIO DO GRANDE ABC. Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), projeção Confederação Nacional da Indústria (CNI). CNI reduz projeção do PIB em 2013 de 3,2% para 2%. Julho/2013, Diário do Grande ABC. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/466327/cni-reduz-projecao-do-pib-em-2013-de-3-2-para-2?referencia=navegacao-lateral-detalle-noticia>>. Acesso em mar. 2014.
- [10] G1. Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), relatório mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Inflação oficial fecha 2013 em 5,91%, diz

IBGE. Janeiro/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/01/inflacao-oficial-fecha-2013-em-591-diz-ibge.html>>. Acesso em mar. 2014.

[11] BRASILEIROS NO MUNDO. Brasileiros no Mundo - Estimativas. Ministério das Relações Exteriores. Julho/2008. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Brasileiros%20no%20Mundo%20-%20Estimativas.pdf>>. Acesso em jan. 2013.

[12] BRASILEIROS NO MUNDO. Diplomacia Consular 2007 a 2012. Ministério das Relações Exteriores, Fundação Alexandre Gusmão, 2012. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>>. Acesso em jan. 2013.

[13] BBC – Homepage. Estudo: Perspectivas das Migrações Internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Crise derruba fluxo de brasileiros ‘legais’ para países ricos, diz OCDE. Julho/2011. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110712\\_crise\\_imigracao\\_brasileiros\\_df.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110712_crise_imigracao_brasileiros_df.shtml)>. Acesso em abr. 2012

[14] G1. Relatório Anual Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC). Em três anos, mais de 380 bancos quebraram nos EUA, segundo FDIC. Setembro/2011. Disponível em: Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/09/em-tres-anos-mais-de-380-bancos-quebraram-nos-eua-segundo-fdic.html>>. Acesso em dez. 2013

[15] PORTAL EBC. Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estudo do IBGE mostra aumento de trabalhadores com carteira assinada no setor privado. Abril/2013. Agência Brasil. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-04-30/estudo-do-ibge-mostra-aumento-de-trabalhadores-com-carteira-assinada-no-setor-privado>>. Acesso em jul. 2013

[16] CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Relatório Habitacional. Disponível em: <[http://downloads.caixa.gov.br/\\_arquivos/habita/documentos\\_gerais/demanda\\_habitacional.pdf](http://downloads.caixa.gov.br/_arquivos/habita/documentos_gerais/demanda_habitacional.pdf)>. Acesso em dezembro de 2014

[17] PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Casa própria representa 75% dos lares brasileiros. Setembro/2012. [18]Folha Online. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1157059-casa-propria-representa-75-dos-lares-brasileiros.shtml>>. Acesso em dez. 2012

[19] BLOGDOFAVRE. Relatório anual Ministério do Trabalho. País criou 2,8 milhões de empregos em 2010. Maio/2011. Blog do Favre. Disponível em: <<http://blogdofavre.ig.com.br/tag/2010/>>. Acesso em dez. 2012

[20] G1. Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão do Ministério da Educação (MEC), 2013. Número de matrículas no ensino superior cresce 81% em dez anos. Outubro/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/10/numero-de-matriculas-no-ensino-superior-cresce-81-em-dez-anos.html>>. Acesso em dez. 2012

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (1999) *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CARIGNATO, Taeco (2004) O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: a experiência *de kassegui*. In DEBIAGGI, Sylvia D. e PAIVA, Geraldo J (orgs) *Psicologia, E/Imigração e Cultura*, São Paulo, Casa do Psicólogo.
- CASSARINO, Jean-(2013). Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, vol.21, no. 41, Brasília, Jul./Dez. 2013.
- CASTLES, Stephen.(2005) *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
- DEBIAGGI, Sylvia .(2004) Homens e Mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas, e PAIVA, José Geraldo de (org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GMELCH, George.(1980 ) Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, v. 9, p. 135-
- MARGOLIS, Maxine (2013). *Goodbye, Brazil - Emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Editora Contexto
- MOMO, Gilda(2014) Estrangeiros qualificados: a nova face da imigração no Brasil, *dissertação de mestrado PUC-SP*
- PARK, Robert (1979) A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Velho, O. “*O Fenômeno Urbano*”.
- PATARRA, Neide L. (2006 ) Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Revista IEA - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*
- ROLNIK, Raquel(2015) *Guerra dos lugares, a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo, Boitempo.
- SASSEN, Saskia.(1994) *As Cidades na Economia Mundial*. Editora Studio Nobel.
- SILVEIRA, Cássio (et al). Processos migratórios e saúde: uma breve discussão sobre abordagens teóricas nas análises em saúde dos imigrantes no espaço urbano. In: *Saúde e História de Migrantes e Imigrantes*. USP, 201
- VÉRAS, Maura P B.(2000) Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo. In: *Cadernos Metrópole*, n. 2.
- \_\_\_\_\_(2013): Italianos em São Paulo, territórios estrangeiros, segregação e alteridade . Da cidade industrial à metrópole global. In MATOS, M. Izilda dos S et alii( orgs): *Italianos no Brasil: partidas, chegadas e heranças*, Rio de Janeiro. UERJ, LABIMI.
- WANDERLEY, Luis E.(2006) São Paulo no contexto da globalização. *Lua Nova – Revista de cultura e política*, no 69, São Paulo: CEDEC.